

## OS DISCURSOS DE ÓDIO CONTRA O CORPO GORDO FEMININO NO *INSTAGRAM*: DOS ESTEREÓTIPOS ÀS RESISTÊNCIAS

Débora Caruline Pereira Silva<sup>1</sup>

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo trata-se de um recorte feito do trabalho de conclusão do mestrado, abordando questões sobre os discursos de ódio contra o corpo gordo feminino na mídia digital *Instagram*, além de mostrar como mulheres resistem através de seus corpos. Utilizamos como método de análise a Análise do Discurso de tradição francesa, mais especificamente o método arqueogenealógico do discurso, em que os diálogos são construídos, especialmente, pelos trabalhos de Foucault e Pechêux. Num primeiro momento, abordamos a teoria do nosso trabalho, resgatando a história da AD e algumas categorias de análise, e abordamos um pouco da história do corpo feminino discursivizado através de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, analisando, descrevendo e interpretando o *corpus*. Como resultados, percebemos que o corpo gordo feminino ainda passa por diversos problemas na sociedade e isso se dá, principalmente, pelos discursos de ódio que predominam sobre seus corpos e interligados através dos estereótipos criados. Mesmo assim, a mídia, especificamente a digital, mostra como esses corpos ainda podem e devem mostrar empoderamento e resistência.

**Palavras-Chave:** Corpo gordo feminino. Discursos de ódio. *Instagram*. Resistência.

**Abstract:** This article is an excerpt made from the master's thesis, addressing questions about hate speech against the female fat body in the digital media *Instagram*, in addition to showing how women resist through their bodies. We used the Discourse Analysis of French tradition as the method of analysis, more specifically the archeogenealogical method of discourse, in which the dialogues are constructed, especially, by the works of Foucault and Pechêux. At first, we approach the theory of our work, rescuing the history of AD and some categories of analysis, and we approach a little of the history of the discursivized female body through a descriptive and bibliographic research, analyzing, describing and interpreting the corpus. As a result, we realize that the female fat body still goes through several problems in society and this is mainly due to the hate speeches that predominate over their bodies and interconnected through the stereotypes created. Even so, the media, specifically the digital one, shows how these bodies can and should still show empowerment and resistance.

**Keywords:** Fat female body. Hate speech. *Instagram*. Resistance.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Português/UERN. Aluna do mestrado pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Mossoró/RN. E-mail: debinha.caroline723@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora permanente do programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró/RN. E-mail: luciahelenamct@hotmail.com

## Introdução

Atualmente, o corpo gordo tem sido vítima de constantes discursos de ódio nas redes sociais, sendo ridicularizado e exposto como se não pudesse existir, ou melhor, como se todos os corpos devessem seguir um padrão universal de beleza, como o corpo magro, ou o “corpo ideal”. Assim, imaginar mulheres que, mesmo diante de tantas críticas contra seus corpos, ainda utilizam formas de poder para postar suas fotos, é pensar que os estereótipos contra os corpos gordos ainda existem e estão cada vez mais presentes nas mídias digitais.

Nesse sentido, pode-se entender o corpo gordo feminino como uma forma de ser, existir e resistir, considerando o que FOUCAULT (1998) diz: “onde há poder, há resistência”. É precisamente por isso que os corpos exercem esse “poder” – visto que esse poder está em toda parte; em qualquer situação. Assim, o objetivo geral de nosso trabalho é analisar os discursos de ódio contra o corpo gordo feminino no Instagram, mostrando os estereótipos e as resistências dessas mulheres nas redes sociais.

Assim, as materialidades discursivas que analisamos foram retiradas do aplicativo virtual *Instagram*, que vem servindo como meio de diversão de jovens e adultos, além de prestar serviços em relação a divulgações, publicidade, militância, entre outros. Nele, fotos e vídeos são postados com o intuito de garantir vários likes e comentários. No entanto, imagens que, para a sociedade, são consideradas “anormais”, pois não pertencem ao padrão politicamente correto de corpos, vêm recebendo duras críticas, gerando, assim, discursos de ódio que denigrem a imagem do sujeito que se expõe na mídia digital.

Sabendo que a pesquisa que desenvolvemos tem como base teórica a Análise do Discurso de tradição francesa, procuramos, a partir disto, verificar como são produzidos os discursos de ódio, além de identificar os diversos estereótipos que são criados na busca incansável por uma “perfeição” de corpos fitness que possa ser exibida na rede social *Instagram*. Analisamos os discursos com base em categorias da AD, como: sujeito discursivo, sentido, relações de saber/poder, resistência.

Para tanto, cabe citar que nossa análise também terá forma por meio das teorias do discurso abordadas por Foucault (1970; 1995; 1998). Sobre a história do corpo, nossa fundamentação é composta pelas abordagens de Priore (2013), Perrot (2012), além Tiburi (2019), Pinsky (2013), entre outros.

Para tanto, a proposta desta pesquisa prioriza uma temática que aborda questões com implicações na vida cotidiana de mulheres contemporâneas em um mundo influenciado pelas

mídias digitais, no caso em foco, os discursos referentes às postagens no *Instagram*, feitas por mulheres de corpos gordos. A constituição do corpus dar-se-á a partir da análise de discursos de ódio produzidos através de postagens de mulheres famosas de corpos gordos nas redes sociais, descrevendo como foram produzidos, quais os estereótipos por trás destes, mostrando o ideal de “corpo perfeito” para a sociedade. Sobre as resistências, a análise levará em consideração as postagens de mulheres que não são famosas, mas que utilizaram do *Instagram* para mostrar a resistência através de seus corpos gordos.

### **Historicizando a análise do discurso de linha francesa**

A AD (Análise do Discurso) caracteriza-se como uma disciplina e constitui-se através da ligação de diversas áreas do conhecimento. Tem como proposta ligar âmbitos que vão desde a articulação das ciências sociais, até o estudo de disciplinas como Linguística, Teoria do Discurso e Psicanálise, abordando, assim, as concepções de ideologia, e da linguagem.

Nela, o que se busca compreender é como a língua faz sentido, e esses sentidos são despertados por meio da articulação entre história e memória. Uma das construções defendidas pela Análise do Discurso é a de que sempre irá existir uma relação entre língua e ideologia. É nesse sentido que Pechêux (1975) diz não haver um discurso sem sujeito ou um sujeito sem ideologia, pois é através dessas duas pontes que a língua irá fazer sentido.

As propostas desse estudioso fez com que suas ideias se tornassem interdisciplinares, pois juntavam diversos campos de estudo com um objetivo principal: estudar o discurso. Essa proposta chegou não só com a vontade de que a Análise do discurso fosse considerada uma disciplina, mas como radicalização de uma nova forma de se ver o discurso de várias esferas diferentes.

A compreensão desse objeto de estudo, voltava-se, assim, não só para o “extra-linguístico”, mas para tudo que fosse social, histórico, ideológico e que produzisse discursos. Com base nisso, Pechêux (1975) diz que, quando se fala em discurso, torna-se sempre impossível “analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada em si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1990, p. 79). Esse conjunto de relações possíveis ao se analisar um discurso é o que faz com que ele tenha sentido no jogo de ideias proposto por um falante.

Assim, nos estudos discursivos não se pode haver uma separação entre forma e conteúdo, pois é reunindo esses dois que a materialidade terá sentido e significação para alguém ou algo. A simbologia tratada pela Análise do Discurso é o que a faz ter um caráter único, histórico e social com o mundo e com o “eu” que pronuncia um enunciado.

Para tanto, tem-se, na Análise do Discurso, considerações a respeito de que a língua tem sua própria ordem; a história é realmente afetada pelos sentidos com que um discurso é produzido; o sujeito não controla o seu dizer, pois é através dela que muitas ideologias irão surgir, consciente ou inconscientemente (ORLANDI, 2015).

Diante disso, vale salientarmos a importância que a Análise do Discurso possui, pois, além de trabalhar diversos conhecimentos, traduz fronteiras que antes eram desconhecidas. O discurso, seu principal objeto, reflete, conceitua, produz e ideologiza novas formas de pensar. Em outras palavras, a perspectiva do discurso faz sentido porque produz sentidos diversos.

É nesse contexto que a escola francesa da Análise do Discurso se torna responsável por repassar as tradições europeias e fazer a ligação entre Linguística, marxismo e psicanálise, levando em consideração a interdisciplinaridade que envolvia esse campo, Historiadores, psicólogos e pesquisadores se juntaram para que a Análise do Discurso fosse um campo cada vez maior de produção de conhecimento.

Dessa forma, a linguagem passou a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência sócio-ideológica (BRANDÃO, 2012, p. 17).

A linguagem, assim, torna-se algo que deve ser compreendido através das várias formações ideológicas e discursivas em que um determinado sujeito se encontra. O próximo tópico abordará as categorias de análise como forma de mediar um discurso.

### **Sinais de Foucault na AD: Algumas categorias de análise**

Nesta parte, pretendemos compreender como Foucault colaborou para os estudos do discurso. O autor é bastante conhecido por tratar, sob a ótica de vários temas, o discurso. Por isso, resultante de inúmeras interpretações, foi muitas vezes criticado. Nosso olhar, portanto, parte do princípio de que todas as polêmicas geradas em torno desse pesquisador objetivaram fazer com que a Análise do Discurso se aprimorasse cada vez mais.

**Discursos de resistência e corpos (re)existentes •**

Na obra *A Arqueologia do Saber*, por exemplo, o filósofo francês nos propõe uma maneira de pensar através de seus estudos e postulados, nos proporcionando uma nova maneira de construção de pensamento. Com enfoque para o título da obra vemos que:

o uso da palavra arqueologia remete ao procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas dos discursos pronunciados sem, no entanto, procurar depreender as estruturas universais presentes em qualquer conhecimento ou qualquer ação moral (AZEVEDO, 2013, p.149).

As formações discursivas abordadas nesta obra são concebidas a partir de elementos compostos, como: ordem, correlação, funcionamento e transformação. Assim, essa formação consiste “no conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tais como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria e etc” (AZEVEDO, 2013, p. 155).

A análise de formações discursivas se dá a partir de um momento que construímos algum enunciado, determinando o que deve ou não ser dito, para que, através dele, os acontecimentos venham a emergir. Segundo Foucault (1969, p.135), “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. Foucault também cita a importância dos enunciados na(s) prática(s) discursiva(s) e na formação de um discurso, já que, para ele, um conjunto de enunciados constitui um discurso. Vejamos que:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência (FOUCAULT, 1969, p. 135).

Considerando a importância dos enunciados e a sua compreensão para uma análise discursiva eficaz, Foucault (1926, p. 25) diz que:

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que podem estar ligados [...].

A AD estuda a língua e sua função em relação ao sentido, visto que se faz necessário compreender os diferentes discursos que circulam na sociedade, sejam eles políticos ou do cotidiano particular de cada um.

Quando consideramos os estudos e contribuições de Foucault na AD, estamos entrando em contato com muitas realidades e embates. A AD cria, assim, diversas possibilidades e os pesquisadores da área suas categorias de análise que nos auxiliam a compreender os domínios discursivos, como a música, a política, a religião e a mídia, entre outros. Analisar as materialidades com base em categorias como formação discursiva, relações de saber e poder e sujeito discursivo é atribuir sentidos aos discursos. E são a elas que nos deteremos nos próximos itens.

O discurso— como citado acima, está intrinsecamente ligado às condições de produção da história, ou seja, o sujeito o constrói com base em suas vivências, identidades e ideologias. Assim, quando optamos por observar e analisar um discurso, sempre teremos que pensar nas condições em que ele foi produzido e na memória presente.

Foucault (1969, p.146) diz que “um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva”. Assim, para que um discurso possa produzir efeitos de sentido, se faz necessário reconhecer toda a formação discursiva que está envolta nessa produção.

Neste sentido, as formações discursivas são guiadas pelo conceito de discurso por se tratarem de algo que “influencia a luta de classes, determinando o que pode ou não ser dito” (SILVA, 2017, p. 56). A luta das mulheres, por exemplo, foi e é algo que faz parte de nossa história, mesmo tendo sido esquecida e apagada por alguns.

São essas mesmas formações discursivas que permitem dar conta do fato de que os sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar aos enunciados.

Nesse contexto, os discursos e as formações discursivas são como um espaço em que saber e poder se articulam, pois, os falantes, ao proferirem um determinado discurso, falam de algum lugar, sobre um determinado assunto e para alguém. Esse discurso – que faz parte de uma vontade de verdade se dá em uma relação de poder.

Cabe, então, à Análise do Discurso buscar caminhos para que língua, história e discurso estejam sempre ligados, sempre atribuindo sentido às “contradições ideológicas” presentes em um discurso. Por isso Foucault (1986, p.187) nos fala que “analisar o discurso é fazer desaparecer ou reaparecer as contradições: é mostrar o jogo que jogam entre si; é

manifestar como pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência”. Nesse sentido, as FD podem ser tratadas como objeto de múltiplas faces e dimensões, pois carregam consigo diversos saberes. É, portanto, através dessas várias transformações que o sujeito se constitui, seja enquanto falante, seja enquanto mediador de um discurso que pode ou não ser dito.

Outra categoria de análise que necessita de bastante atenção é o **enunciado**, visto que é a partir dele que se tratam as formações discursivas discutidas anteriormente. Logo, enunciado é o que os gramáticos chamam de frases; os lógicos de proposição e, neste caso, os analistas de ENUNCIADO. Considerando esta ideia, pode-se dizer que toda frase é um enunciado, mas nem todo enunciado é considerado uma frase, já que as estruturas linguísticas são diferentes.

O enunciado não é, pois, uma unidade elementar que visa somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica. Não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação. Descrever um enunciado não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (...) (FOUCAULT, 1986, p. 125).

É preciso, então, saber o que se refere o enunciado; o que está em jogo, ou seu tema, para que possamos descobrir seu referente. Assim, ao analisarmos uma materialidade discursiva retirada da mídia, precisamos encontrar nela o que o enunciado está se referindo, para que depois disso o conteúdo falado possa fazer sentido.

O sujeito do enunciado é aquele que produziu seus diferentes elementos como uma intenção de significação. Não existe enunciado livre, neutro ou independente, mas enunciados que fazem parte de uma série ou um conjunto. “O enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e oculto” (FOUCAULT, 1984, p. 126). Não oculto, visto que caracteriza uma série de signos já existentes.

Assim, mesmo que o enunciado não seja oculto, nem por isso ele deixa de ser visível. Ou seja, ele se manifesta de uma maneira que os sujeitos devam ter uma determinada atenção para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si. Talvez ela esteja muito evidente, ou talvez esteja escondido a fim de que os sujeitos possam encontrá-lo.

Foucault (2007) ressalta que não existe um discurso sem que hajam enunciados. Neste sentido, em cada texto que é (re) produzido através da mídia ou de qualquer outra manifestação discursiva, há a presença de muitas vozes que foram constituídas através do outro. Esse sujeito que dá sentido aos enunciados historiciza, reproduz e agrega

conhecimentos ao discurso. No caso de nossa pesquisa, falar sobre enunciado é essencial, considerando que, através da história dos corpos e da beleza, encontramos sentido para verificarmos as condições de produção de determinados enunciados.

### **Sujeito, relações de saber/poder e resistência**

O sujeito é um ser que traz consigo intensas lutas ligadas à história e à memória e é cheio de (re)significações, valores; não é estável, mas aparece em constante movimento. Considerando os múltiplos significados que o termo “sujeito” possui, percebemos que também são várias as concepções usadas pelos estudiosos para falar sobre isso. Na Análise do Discurso, podemos falar em um lugar do sujeito. Nesse sentido, é aí que compreendemos o sujeito como algo que pode estar em diferentes lugares, assumindo diversos papéis sociais. Para compreender o sujeito é necessário que se compreendam às várias vozes que estão presentes em sua constituição.

Em linhas gerais, esse sujeito que pertence a vários lugares pode ser visto, na concepção de FOUCAULT (2002), como algo que é construído através de relações entre saber e poder, moldado através de discursos que produzem uma subjetividade. Ou seja, está em constante transformação, sendo ligado, também às várias formas de resistência.

Nessa via de pensamento, ao tratarmos o sujeito como um ser de resistência, isso se dá exatamente por sua liberdade de “distribuir” seus discursos de acordo com as relações de força que o constituem. Sob essa ótica, as relações de poder estão intrinsecamente ligadas ao sujeito, pois são essas relações entre os indivíduos que fazem com que os discursos estejam em constante movimento. O poder, assim, não está em um lugar específico, mas em todos os campos da esfera social. Assim, para Foucault (1994, p. 28), o sujeito: define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se.

O sujeito constitui-se como algo que é responsável por seus atos, fazendo com que seus modos de subjetivação estejam ligados às suas formas de comportamento no ambiente

em que estão inseridos. É como afirma Foucault (1985) ao citar as relações que os sujeitos estabelecem em sua relação com as ações como ferramentas constitutivas de moral.

Assim, não se pode considerar um sujeito sem que se considere, também, suas várias formas de resistência. Sendo assim, a resistência é, para Foucault, uma atividade da força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de forças do campo do poder.

As resistências são mutáveis, ou seja, estão em constante mudança através da sociedade. Considerando o que foi citado acima sobre as relações entre homem e mulher, vemos que essa transformação está muito presente hoje, pois, ao compararmos as mulheres de 50 anos atrás com as de hoje, percebemos que muito mudou, as formas de resistência mudaram. As que foram submissas em sua geração, hoje veem a nova geração de mulheres se tornarem mais livres e donas de suas verdades. O corpo, mais especificamente o gordo, apesar de sofrer preconceitos, ainda mostra resistência ao ser considerado livre e empoderado.

### **O corpo feminino discursivizado**

Falar sobre o corpo é escancarar diversas realidades que estiveram presentes no decorrer dos séculos, sejam aqueles mais propensos a admirar um corpo gordo, seja aqueles em que o ideal de magreza tornou-se um fator de sensualidade para a sociedade.

A história da mulher e sua relação com seu corpo foi marcada, assim, por uma trajetória de repressão e silenciamento, em que as mulheres eram obrigadas a verem seus corpos de acordo com o que os seus companheiros achavam e a sociedade ditava. Assim, mesmo sendo algo inteiramente pessoal, o corpo se transformava em “um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade” (PERROT, 2008, p. 76).

No passado, abordar questões sobre o corpo feminino era alvo de rejeição. As marcas de sensualidade não existiam e a inferioridade fazia com que muitas mulheres escondessem suas curvas – muitas vezes contra sua vontade, apenas por medo do rechaço da população. As indígenas, por exemplo, foram o primeiro alvo dos colonizadores ao chegarem às terras brasileiras. Os corpos “nem gordos e nem magros”, a inocência de estarem sem roupa fez com que os colonizadores, inclusive Pero Vaz de Caminha se encantassem cada vez mais por essas terras.

Apesar do encantamento que o corpo feminino gerava, a subordinação e o fato de “ser mulher” fazia com que muitos corpos sofressem comentários negativos. Segundo os médicos, o corpo feminino era menor, seus ossos eram pequenos, suas carnes moles e esponjosas, seu

caráter débil. Contudo, na outra ponta da submissão, a beleza dos corpos era considerada “perigosa, pois era capaz de perverter os homens” (PRIORE, 2000, p.14). No mais, a sacralização dos corpos fazia com que muitas mulheres se achassem indignas de mostrar seu corpo socialmente.

O século XX foi um marco para o corpo feminino. A mulher passou a ser vista como um símbolo sexual na mídia, pois despiu-se, escancarou o desejo e a liberdade de expor um corpo, seja ele magro ou gordo. “Diferentemente das nossas avós, não estamos mais preocupados em salvar nossas almas, mas salvar nossos corpos da desgraça e da rejeição social” (PRIORE, 2013, p. 36).

Dentro de muitos padrões impostos, a mulher viu e viveu o “corpo” ser transformado. A depilação, o uso de anticoncepcionais, os decotes, o aumento do volume dos sutiãs, entre outros, fizeram com que cada vez mais as mulheres tentassem se despir dos estigmas impostos sobre seus corpos, como o de que “o corpo da mulher não as pertence” (PERROT, 2005, p. 447).

Foucault (1998) diz que o desejo de governar seus próprios corpos era uma questão de disciplina. Assim, é por isso que esse desejo se apresentava em todas as épocas, seja quando a cultura dos corpos nus fica aparente por meio das indígenas, ou pela simples forma das mulheres pensarem em um ideal de corpo e que pudessem usar as roupas que sentissem vontade. O corpo transformou-se, então, em “uma realidade biopolítica” FOUCAULT (1998, p. 80) passando a ser controlado por indivíduos de uma determinada população.

O século XXI, por exemplo, foi um marco na moda da mulher magra, seja através de corpos esculturais ou de dietas consideradas milagrosas. O corpo gordo ainda é um estigma. Assim:

As mulheres estetizam o corpo mais que os homens, pela roupa, maquiagem, adereços, esculpindo-os por exercícios físicos e dieta. Pela atividade física e o controle do corpo as mulheres constroem sua imagem, definindo, cada uma a sua maneira, a própria leitura de sua identidade (CASTRO, 2007, p. 102).

Ser mulher era sinal de perfeição. Ser bonita exigia um corpo escultural. Esse ideal aprisiona muitas mulheres e as fazem sentirem-se piores que alguém com um corpo mais escultural. As magras estão cada vez mais conquistando espaços que antes podiam ser também de mulheres com corpo gordo.

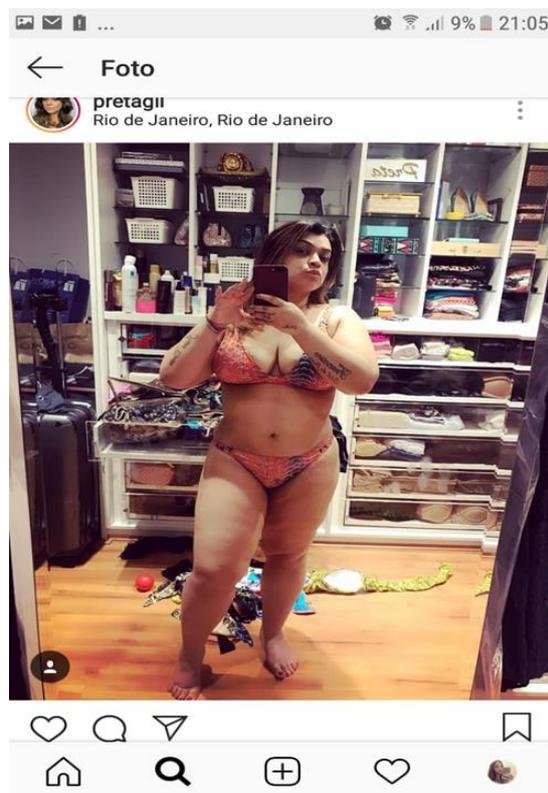
A cultura de massa fez com que houvesse uma produção capitalista de identidades e subjetividades. O corpo magro exposto nas capas de revistas, outdoors e banners era desejo de

consumo em diferentes níveis da sociedade. Assim, em um mundo onde a mulher, até então, só teria sucesso amorosamente e profissionalmente se estivesse seguindo à risca os padrões de beleza, muitas mulheres quebraram padrões, até mesmo universais. A resistência ao exibirem seus corpos fazia com que muitas mulheres se tornassem seres de luta. O corpo gordo assumido segue, até então, como modelo de empoderamento e também pode ser considerado um corpo político, pois transforma algo indesejável em um corpo que transcende os limites de perfeição. Assumindo seus corpos essas mulheres sentem-se felizes, mesmo sem pertencerem ao que é pregado como “correto” no mundo da beleza.

### “Nosso corpo nos pertence”: Os discursos de ódio produzidos contra o corpo gordo

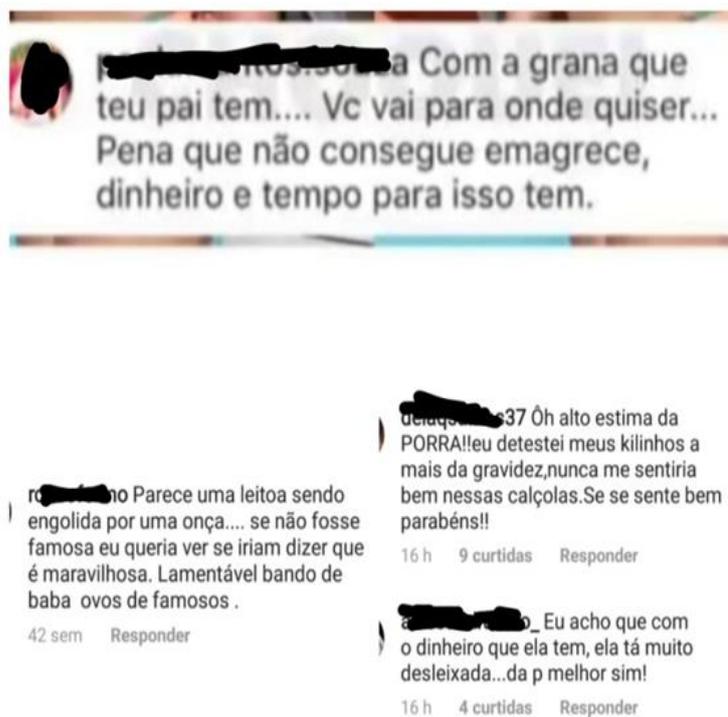
No quesito influência, a mídia chega exatamente para ditar padrões, principalmente às mulheres que gostam de estar sempre na moda, mesmo que para isso precisem seguir o que lhes é imposto. Quando isso não acontece e muitas escolhem agir e ter o corpo que querem e/ou podem, os discursos surgem como alvo de “tortura, punição” (FOUCAULT, 2002, p.48).

Veremos abaixo como a sociedade impõe padrões de perfeição aos corpos de mulheres (o que também acontece com homens), julgando-os e denegrindo-os:



Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Imagens retiradas do *Instagram* @pretagiloficial



Na foto acima apresentada, Preta Gil posa de biquíni em frente ao espelho do seu closet. O espelho, tão adorado pelas mulheres, funciona como um mecanismo de desejo dos sujeitos, já que, se compararmos esse instrumento com a sua historicidade, veremos que até nos clássicos da Branca de neve ele já estava ligado à beleza e à vaidade, sendo usado pela madrasta má para se exibir.

De acordo com Foucault (2006, p.15) o espelho pode ser considerado uma heterotopia, na medida em que “é a partir do espelho que eu me descubro ausente no lugar em que estou porque me vejo lá longe”. Dessa maneira, ao tirar uma foto em frente ao espelho Preta Gil cria outros espaços para exibição de seu corpo; subjetiva seu corpo. É a partir deste objeto que o sujeito consegue enxergar seu corpo nas mais variadas formas. Em alguns casos, por exemplo, enxergar o corpo significa ver apenas aquilo que a sociedade acha bonito, e, quando isso não acontece, os discursos difamam a imagem de quem posta a foto.

O primeiro comentário é bastante pertinente para citarmos a cultura da magreza como ideal da sociedade. A pessoa que profere o discurso cita o dinheiro do pai de Preta e o tempo

que ela tem como sinônimo para que ela consiga emagrecer. É interessante notarmos que, mesmo sendo uma cantora famosa e bem-sucedida a figura do homem (no caso de Gilberto Gil) ainda surge como o dominador, pois é através do dinheiro dele que ela poderia emagrecer. Já em outro comentário, as condições financeiras de Preta também são alvo de discursos contra o corpo gordo, como se por meio de cirurgias ou dietas milagrosas ela estivesse dentro dos padrões.

O segundo comentário “parece uma leitoa” utiliza de termos pejorativos e ofensivos como leitoa e onça para denominar as formas corporais de Preta Gil. E mais, a questão da cantora ser famosa ainda gera tabus, pois como cita a pessoa do comentário, “se não fosse famosa duvido que iriam chamar de maravilhosa”. A fama da cantora, neste caso, é a justificativa para alguns elogios que Preta recebe em suas fotos. No emaranhado de ideias que surge através deste discurso, podemos perceber que os sujeitos – no caso, Preta Gil, por estar mostrando seu corpo no *Instagram*, é vista como uma celebridade que tem os holofotes virados para ela.

No penúltimo comentário, o discurso da autoestima é predominante. A pessoa que profere o discurso em questão diz que detestou os kilos que ganhou na gravidez e que jamais se sentiria bem usando calças “grandes” como as que Preta Gil está usando. O sujeito do comentário, neste caso, pode ser caracterizado como aquele que “busca pela beleza e perfeição corporal, diretamente ligada à definição da identidade, aspecto que permeia o universo da juventude” (CORDEIRO; FORTUNATO, 2012, p. 9), apesar de já ter passado pelo corpo gordo logo depois de ter dado à luz.

A questão da autoestima surge, então, como um estigma para quem possui corpo gordo, pois, para pessoas que tem preconceito com a própria imagem isso causa repugnância. No caso de Preta, sua autoestima é alvo de comentários que podem servir de exemplo para outras pessoas, já que, mesmo sem estar nos padrões, sua “coragem” – como bem cita a pessoa que proferiu o discurso serve de exemplo.

É nesse contexto que percebemos o quanto estar em forma é sinônimo de poder para algumas mulheres. A visão de classe do corpo é algo que privilegia o que “está na moda”. O mais terrível é que, como visto nos discursos acima expostos, independente de classe social, cor ou religião muitas mulheres ainda se condenam pelo corpo que possuem (como visto no comentário em que a mulher fala de seu kilos a mais pós-gravidez). No entanto, a beleza natural, despretenciosa e cheia de autoestima de mulheres que possuem corpos gordos ainda é considerada como empatia, já que vimos discursos em que parabenizavam Preta pela coragem

de expor seu corpo. O corpo de Preta passa a ser sinal de resistência e empoderamento nas mídias digitais, servindo de inspiração para outras mulheres resistirem.

### O corpo empoderado

A conquista da liberdade do corpo é algo que é muito discutido na sociedade. A luta das mulheres pela sua autonomia atravessa campos que vão, desde a busca pela liberdade de escola, até pontos como o livre arbítrio de mostrar seus corpos como são. O empoderamento feminino é, assim, uma condição de liberdade e autonomia constante em muitas mulheres. Assim, na imagem abaixo, veremos corpos gordos de mulheres ‘não famosas’ que foram expostos no *Instagram*, servindo de resistência social.

"Parem de achar que casais bonitos, são os que ambos tem corpos definidos. O melhor casal é aquele que se ama"



Fonte: quebrando o tabu

A foto acima apresentada se comporta como uma imagem povoada por vários enunciados, sendo eles verbais e não verbais. A imagem verbal mostra um casal heterossexual deitado em uma cama. Acima de sua figura lê-se o enunciado: “Parem de achar que casais bonitos são ambos os que tem corpos definidos. O melhor casal é aquele que se ama”.

Esse enunciado foi escrito na postagem justamente para que exista uma quebra de estereótipos, já que a mulher possui um corpo gordo e o homem não. Apesar disso ainda existe uma desconstrução de padrões no casal como um todo, já que a mulher, apesar de possuir um corpo gordo é branca, e o homem, mesmo tendo um corpo magro, é negro.

Percebe-se, na imagem, que nem o homem e nem a mulher são identificados, mas que o enunciado em questão pode ser proferido por ambos, visto que homem e mulher abraçam a causa da felicidade em primeiro lugar, independente do corpo que carregam.

O imperativo “parem” exerce a função de ordem e desejo. Desejo de que as pessoas parem de normatizar os corpos; ordem para que todos possam exercer sua liberdade. Curiosamente, ao lermos esse enunciado em alto tom, carregamos esse verbo de significados, já que existe aí o que chamamos de “gestos verbais”, “[...] acompanhados em geral de entonação particular e, não raro, de gestos físicos” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 350) – que são representados pela posição feliz do homem e da mulher deitados na cama. A felicidade do casal representa, também, uma relação de poder, visto que:

o poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Assim, o casal da imagem representa um casal livre: livre de preconceitos entre si e de estigmas que a sociedade tenta impor sobre eles. Esse campo de possibilidades a que Foucault se refere diz respeito, na imagem, as várias formas como esse casal pode agir na sociedade, quebrando tabus já antes preconcebidos. O fato de um negro, magro, homossexual se envolver com uma mulher branca e gorda é um fenômeno de resistência, visto que utilizou uma forma de poder sobre pessoas para que elas pudessem resistir – no caso em questão, o casal da foto.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •



Fonte: *Instagram* “feminiismo”.

A imagem da página do Instagram @feminiismo, também traz uma figura com enunciados verbais e não verbais. Na imagem não verbal, reparamos uma mulher negra e de corpo gordo na praia. Já o verbal exposto na imagem, diz respeito ao enunciado:

*“Fotos lindas demais para ficarem guardadas no celular só porque estou com medo de mostrar o meu corpo gordo na Internet”. A significação desse enunciado verbal está em consonância com a imagem postada, já que o enunciado incita a realização do ato de postar fotos mesmo possuindo um corpo gordo – visto que é isso que é mostrado na imagem: Uma mulher feliz, exibindo seu corpo gordo na praia.*

O enunciado possui, assim, uma existência material que é produto de uma enunciação. Foucault (2007, p.114) explica isso quando diz que “diremos que há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido. Cada uma dessas articulações tem sua individualidade espaço-temporal.” A partir dessas significações é que um conjunto de signos se torna um enunciado.

É na tentativa de descrever os enunciados que Foucault formula conceitos como “frase”, “proposição” e, logo depois, o próprio “enunciado”, que permite com que os sujeitos se posicionem em relação a um objeto ou lugar. Com isso, o conceito de discurso é estabelecido por Foucault como: “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema

de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 2007, p.122).

Assim, um discurso e um enunciado devem sempre se relacionar ao conjunto de características não verbais em uma imagem – como na analisada acima. Considerando isto, ao analisar um enunciado precisamos levar em consideração à posição sujeito em que se encontra a pessoa que profere o enunciado; as materialidades discursivas presentes; e um campo associado.

Considerando, pois, a imagem que analisamos, percebemos que o enunciado, assim, como o da figura 16, também traz consigo um verbo imperativo que denota ordem ou pedido. Este verbo “pare” (na imagem, “parem”) faz com que percebamos o tom valorativo com que o enunciado é concebido: O de que as pessoas precisam parar de achar que não se deve postar fotos quando não se tem um “corpo perfeito; normal” (PRIORE, 2013, p. 45). O fato de uma mulher gorda e negra estar na praia de biquíni também é um fator a ser mencionado, pois mostra o empoderamento feminino concebido através da imagem. Berth; Ribeiro (2019) dizem em seu livro “Empoderamento” que esse termo se trata de uma construção que liga forças e competências individuais e comportamentos de mudança perante aspectos sociais. Neste caso, a mulher da foto – que é conhecida como “Beyonce de São Gonçalo” mostra um empoderamento perante concepções que a sociedade julga, sendo que é construído através de um sentimento de mudança: A mulher de corpo gordo também pode frequentar a praia, usar biquíni e ter relacionamentos saudáveis.

### **Considerações finais**

Quando os corpos gordos se expõem e mostram para a mídia que mulheres reais também têm corpos fora dos padrões, a culpa, os preconceitos e estereótipos da mídia são jogados nas mulheres em forma de discursos de ódio. Apontar erros sobre quem não segue padrões já vem desde o século XIX, quando os maridos e a família impunham a mulher como ela devia ser e se comportar para a sociedade a ver com bons olhos.

Hoje, em pleno século XXI, ainda vemos e ouvimos o massacre dos corpos femininos como sujeição a um ideal imposto e enraizado. O biquíni utilizado pelas mulheres de corpo gordo para ir à praia, ou os homens que escolheram viver como mulheres que não se encaixam nos padrões viraram alvo de duras críticas na sociedade – como foi bem explicitado nesta dissertação. Quando Fernandes (2012, p. 57) diz que “o poder coloca em jogo relações

entre sujeitos. O poder é um exercício, um modo de ação de alguns sobre os outros (...)” percebemos que a mídia desenvolve esse poder através dos discursos de ódio sobre os corpos, mas que, é sobre e contra isso que as “lutas” (FOUCAULT, 2006, p. 34) existem. Neste caso, a luta feminina.

Embora por muitas vezes a mídia queira impor e ditar padrões sobre a mulher, ela também não nega que essa mulher que antes era “reprimida, calada” (TIBURI, 2017, p. 34) hoje tem mais voz na sociedade. E essa voz foi construída através de muitas lutas e pela ocupação de espaços que antes lhes eram negados, como por exemplo nas universidades, como professoras, ou na política, como candidatas à vice-presidência. O apagamento que antes era comum na história das mulheres, hoje não é mais tão possível, visto que as lutas são mais frequentes e a mulher cada dia que se passa muda mais a história. O silenciamento das mulheres dá lugar à força de vontade de pertencerem a uma sociedade que anda longe de ser justa, mas que já avançou muito se comparada a séculos como o XVIII.

Por motivos de vergonha, muitas mulheres criticam as que expõem seus corpos. E podemos perceber isto ao observamos os discursos de ódio que analisamos, pois a maioria provém de outras mulheres que, insatisfeitas com seus próprios corpos, julgam e discriminam as que mostram empoderamento através dos seus. Um discurso que nos chamou atenção quanto a isso, foi o fato da mulher citar os kilos que ganhou na gravidez como forma de julgamento na foto de Thaís Carla. Ou seja, existe aí o que chamamos de uma não aceitação social, que nada mais é do que o não pertencimento a um lugar: Como ela já passou pelo momento de ter um corpo gordo e era infeliz, julga Thaís por estar feliz com o seu. Neste caso, existe na sociedade uma imposição de padrões e que tenta, a todo custo, forçar a mulher a segui-los. E não é fácil manter uma identidade através de julgamentos, pois existe um poder que incide sobre as mulheres e tenta fabricar sujeitos que ajam de acordo com as verdades que a sociedade considera como ideais.

É sobre esse poder que as mulheres que analisamos suas postagens se impõem as disciplinas que foram criadas para lhes sujeitarem a seguir o que é “normal”. Nesse sentido, foi estudando e analisando as postagens desta dissertação que vimos o quão grande é a luta por espaço a que se submete a classe feminina. Utilizamos classe feminina, em geral, pois a luta é de todas. Uma representa a outra. Até mesmo as que têm vontade de lutar, mas sentem-se oprimidas, veem na companheira de luta uma forma de encorajamento. Vencendo barreiras e preconceitos, a mulher, mais especificamente a que falamos na nossa pesquisa, vem quebrando barreiras, superando preconceitos e tabus impostos pela sociedade ditadora. A

mulher precisa quebrar barreiras e provar ao outro que é feliz com a condição que carrega. É aí que percebemos o quanto poder e resistência caminham lado a lado na luta das mulheres.

### Referências bibliográficas

AZEVEDO, Sara Dionísia. **Formação discursiva e discurso em Michel Foucault**. FMGS, Mato Grosso do Sul, 2013

BERTH, Joice; RIBEIRO, Djamila. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à Análise do Discurso** – 3 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CASTRO, M. **Uma questão de gênero**. São Paulo, 2007.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. 2 ed. São Paulo, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Discurso e sujeito em MICHEL FOUCAULT**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero e Antônio Carlos Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-293.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições. Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 12. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 37. Ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso princípios e procedimentos.** ed, Pontes Editores, Campinas, SP.2015.

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres.** ed, São Paulo: Contexto, 2019.

PÊCHEUX M & FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F & HAK. (Org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993. (p. 311-319) (Col.Repertórios)

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos: Uma história de peso no Brasil.** 1º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

\_\_\_\_\_ **História da beleza no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: Para todas, todes e todas.** -7ºed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.